

RUMO:

narrativas e perspectivas
na Arte/Educação em
uma vivência de Estágio
Curricular





Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.

Paulo Freire



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

Ruana Cristina Mendes da Silva

RUMO:

narrativas e perspectivas na Arte/Educação em uma vivência de Estágio Curricular.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Borre

RECIFE
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Ruana Cristina Mendes da.

RUMO: narrativas e perspectivas na Arte/Educação em uma vivência de
Estágio Curricular. / Ruana Cristina Mendes da Silva. - Recife, 2024.
55p. : il., tab.

Orientador(a): Luciana Borre

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2024.

1. Arte/educação. 2. Estágio Curricular. 3. Escola. 4. Artes Visuais. I.
Borre, Luciana . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

RUMO:

narrativas e perspectivas na Arte/Educação em uma vivência de Estágio Curricular.

Comissão examinadora:

Dra. Luciana Borre (Orientadora – UFPE)

Dra. Jéssica Aline Tardivo (Examinadora interna – UFPE)

Ma. Ingrid Borba de Souza Pinto Domingos (Examinadora externa)

Aprovada em: ___/___/___

Agradecimentos

A meu pai que muito me incentivou a estudar em meio a tantos sacrifícios, e que mesmo não estando mais presente entre nós, continua a olhar por mim.

A minha mãe, cujo é sinônimo de amor e que transformou a dor do luto em força e dedicação.

A Rômulo, Alessandra e Igor, companheiros de uma jornada acadêmica que transcendeu para a vida.

A minha orientadora, Profa. Luciana, que me guiou durante esse percurso me mostrando os caminhos possíveis.

RESUMO

Neste texto, dedico-me a revisitar as ações do Estágio Curricular Obrigatório I, refletindo sobre a minha formação enquanto arte/educadora, com objetivo de rememorar as minhas práticas de ensino e aprendizagem de Artes Visuais em uma escola da rede pública municipal, tendo como campo de estudo uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. Para tal propósito, apresento as impressões e aprendizagens vivenciadas, durante os meses de junho a setembro, do ano de 2023, em uma escola de ensino fundamental da cidade de Jaboatão dos Guararapes/PE; mostro as intencionalidades pedagógicas com este grupo de estudantes no campo das Artes Visuais e; narro como se desenvolveram as atividades propostas e executadas durante a prática docente. A escola na qual desenvolvi a pesquisa está situada no bairro periférico de Muribeca dos Guararapes, que conta com séries do Ensino Fundamental 1 e EJA, onde predomina o método tradicional de ensino. Relato de Experiência é o campo metodológico que mais se adequa a este estudo, que tem como principais referências Ana Mae Barbosa (2003) e Paulo Freire (1996). As ações pedagógicas desenvolvidas contribuíram para um maior repertório artístico dos estudantes, havendo não somente o estímulo à criatividade e a imaginação, mas a exploração de materiais expressivos, práticas de colaboração entre si e o compartilhamento de ideias para o planejamento e execução de processos de criação em artes visuais.

Palavras-Chave: Arte/educação; Estágio Curricular; Escola; Artes Visuais.

ABSTRACT

In this text, I dedicate myself to revisiting the actions of the Compulsory Curricular Internship, reflecting on my training as an art/educator, with the aim of recalling my teaching and learning practices in Visual Arts in a municipal public school, with a 5th grade elementary school class as the field of study. To this end, I present my impressions and learning experiences from June to September 2023, in an elementary school in the city of Jaboatão dos Guararapes/PE; I show the pedagogical intentions with this group of students in the field of Visual Arts and; I narrate how the activities proposed and carried out during teaching practice were developed. The school in which I carried out the research is located in the outskirts of Muribeca dos Guararapes, and has elementary school grades 1 and EJA, where the traditional teaching method predominates. Experience Report is the methodological field that best suits this study, whose main references are Ana Mae Barbosa (2003) and Paulo Freire (1996). The pedagogical actions developed contributed to a greater artistic repertoire for the students, stimulating not only creativity and imagination, but also the exploration of expressive materials, collaborative practices among themselves and the sharing of ideas for the planning and execution of creative processes in the visual arts.

Keywords: Art/education; Curricular Internship; School; Visual Arts.

Sumário

Introdução	09
1- Cenário de encontros	13
2- Mapeando o ensino	20
3- Cores e arte/educação	25
3.1- Entre a prática e o objetivo	37
3.2- Perspectivas Triangulares	47
Considerações Finais	49
Referências	52

Introdução

Um das recordações mais nítidas que tenho da minha infância foram as inúmeras brincadeiras, jogos e recreações que toda criança lúdica poderia criar, dentre elas estava o ato de brincar de “escolinha”, na qual exercia sempre a figura de professora, e sem dúvidas, era umas das brincadeiras que mais me proporcionava entusiasmo.

Crescendo na periferia de Muribeca dos Guararapes, lembro-me de reunir alguns dos meus amigos para que, quase toda manhã ou tarde, pudéssemos brincar, agrupava alguns assentos improvisados, um quadro, um giz e no minúsculo quintal da minha casa, dávamos início a mais um dia de aula, e mesmo que nada daquilo fosse de fato real, a diversão estava em imaginar que estávamos numa escola, com direito a intervalos e aprendizagens. Em consonância com isso, Benjamin (1984, p. 117) diz que:

O brinquedo e o jogo fazem fluir o imaginário infantil, fornecem representações manipuláveis, significam e traduzem um universo que será fonte da brincadeira estimulando-a e favorecendo o exercício de diferentes papéis, conforme a curiosidade, o interesse e os aspectos ambientais que fazem parte da vida da criança.

Contudo, apesar do costume de fantasiar ser uma educadora em minhas brincadeiras, nunca cogitei ser professora no início da idade adulta. Imaginava-me em diversas outras profissões, mas nunca em sala de aula. Cresci dando continuidade a essa percepção de que trabalhar com educação estava fora de cogitação, e para culminar com toda a rejeição que essa ideia me trazia, havia — e há — os estigmas em volta do ser professor, sejam eles financeiro ou social. As repercussões negativas que rodeiam o campo educacional transformam esta opção num “bicho de sete cabeças” amedrontando e desmotivando quem ousa se aproximar, visto que a figura

do educador é posta constantemente numa zona de desprestígio e desvalorização, afetando não só o docente que já exerce a função, como também aqueles que desejam ingressar nessa área, gerando o receio junto à desmotivação, além da nuvem de incertezas que pairam acima de suas cabeças, inclusive sobre a minha.

Embora tenha ingressado num curso de licenciatura, até o momento de escolha da graduação, repudiava a ideia de ser professora, uma vez que não havia fundamentos que me fizessem apetecer por lecionar, justificando minha entrada no curso unicamente pela aptidão ao desenho. Toda essa renúncia perdurou durante bons períodos, até chegar o momento que me despertou um certo interesse pela educação e o ensinar, mesmo que ainda cercado de algumas inquietações e medos. Como estudante de Artes Visuais fui criando consciência e tomando conhecimento do quão significativo é o espaço que ocupo como licencianda e como poderá ser potente, futuramente, o que a arte/educação será capaz de proporcionar a mim enquanto professora e aos possíveis estudantes que verão na arte um caminho de possibilidades e descobertas, pois, conforme pontua Ferraz e Fusari, (1999, p. 57) “as aulas de Arte constituem-se em um dos espaços onde as crianças podem exercitar suas potencialidades perceptivas, imaginativas ou fantasiosas”.

Os estágios obrigatórios, principalmente aqueles exercidos num ambiente escolar, costumavam provocar uma certa aflição pela incerteza de não saber como seria meu desempenho. Cogitar enfrentar uma sala de aula me provocava tamanho tormento que me sentia tomada por essa inquietude, foram inúmeros os questionamentos que me surgiram, indagando a mim mesma sobre minha capacidade em defrontar uma instituição escolar, junto às suas especificidades e seus poréns.

Em contrapartida ao que imaginei, tal vivência resultou em bons frutos e em um desenvolvimento satisfatório. Fui surpreendida por possibilidades desconhecidas e isso me motivou a escrever este Trabalho de Conclusão de Curso. Portanto, de modo abrangente, este trabalho busca realizar e expor uma análise das possibilidades de

regência no ensino de Arte dentro de uma escola pública, com base na minha experiência de estágio curricular, onde tive a oportunidade de vivenciar de perto as práticas do ensino de artes nesse contexto específico, e tão desafiador.

Ressalto, que este estágio não apenas me permitiu observar o funcionamento diário da rotina dos estudantes para além da sala de aula, mas também participar ativamente das atividades educativas, colaborando e exercendo trocas significativas com a professora supervisora e interagindo com os estudantes.

Como metodologia utilizada para estruturar essa pesquisa me apoio no Relato de Experiência que refere-se a uma descrição, de maneira precisa, uma vivência específica, capaz de trazer uma contribuição significativa para uma área de estudo, tendo como principal propósito narrar minuciosamente e de forma sistematizada uma experiência de autoria própria. Ainda, de acordo com Daltro e Faria (2019, p. 227), na constelação de fatores englobados no Relato de Experiência, todos cernidos na linguagem, a experiência ocorre em simultaneidade a ideias e acontecimentos. No mesmo entendimento, Macedo (2015, p. 46) pontua que

a experiência institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e, ao mesmo tempo, é habitado pela experiência. Portanto, o corpo é o lugar no qual se inscreve cada história singular, no qual pensamentos e sentimentos se manifestam em palavras, em imagens.

Embora sendo uma pesquisa de cunho empírico, este estudo não apenas documenta minha experiência pessoal como estagiária de artes, mas também busca contribuir para o campo da arte/educação em escolas públicas, possibilitando na oferta de práticas docentes e sugestões de atividades artísticas que expandem o ensino de artes neste contexto específico.

Este espaço de pesquisa se mostra particularmente relevante devido à diversidade de desafios e oportunidades que surgem no ensino de arte nesta conjuntura singular. Além disso, exprimo como o estágio contribuiu para a minha

formação profissional como futura arte/educadora, impactando não apenas na minha prática pedagógica, mas também na minha visão sobre o papel das artes na educação e na formação integral dos alunos.

Sendo assim, organizo este estudo em três partes. Na primeira, trago algumas reflexões oriundas das observações sobressaídas no ambiente escolar. Em seguida, apresento meu plano de regência para evidenciar intencionalidades educativas. Por fim, relato como as ações foram desenvolvidas, destacando a importância da utilização de materiais expressivos e ressaltando minha prática pedagógica dentro da abordagem triangular.

Cenário

de encontros

escola

es.co.la

substantivo feminino

1. estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo.¹

A escola, enquanto “estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo”, se mostra muito mais além do que um simples espaço físico dedicado à educação. Em sua essência, o ambiente escolar pode ser um cosmo de complexidade, no qual a aprendizagem se entrelaça com a vida emocional de cada indivíduo. Ao menos, é assim que eu a defino.

Em minha vivência, enquanto estudante da educação básica, o ambiente escolar se desenhou como um mosaico de emoções que neles, ecoam recordações de bons momentos e alegrias compartilhadas, mas também de silêncios constrangedores, olhares e falas agressivas que compõe um quadro menos colorido. O ambiente, que é uma mistura de segurança e desconforto, reflete a dualidade da experiência escolar: um espaço onde o aprendizado se mescla com a autodescoberta, oferecendo, ao mesmo tempo, acolhimento e desafio.

Dependendo de cada indivíduo e de como se estabelece sua visão de mundo, a escola pode ser vista e experienciada de variados modos, mas irá sempre assumir um papel vital na formação das identidades e das memórias dos indivíduos, que parte das interações diárias e da vivência em coletividade.

Dar início ao período de estágio em espaços formais de ensino é como reviver cada momento e se perceber como aluna novamente. Ao caminhar pelos corredores, o passado se entrelaçou com o presente, me revelando a beleza muitas vezes

¹ ESCOLA. In: GOOGLE, Oxford Languages. Disponível em:<
<https://www.google.com/search?q=escola+significado>>. Acesso em: 04 de set. 2024.

dolorosa de um ambiente que, apesar das dificuldades, continua a ser um cenário de crescimento e transição.

Ao optar por experienciar a prática do Estágio Curricular Obrigatório I e seus processos de ensino em uma escola próxima à minha residência, na qual estudei durante o meu Ensino Fundamental, eu pude não apenas reviver essas memórias, mas também observar de perto a continuidade desse espaço que fez parte da minha trajetória educativa, além de que, esse vínculo entre o passado e o presente possibilita enriquecer minha compreensão do ambiente escolar para ressignificá-lo.

Trata-se de uma escola pública da rede municipal localizada no bairro de Muribeca dos Guararapes, na cidade de Jaboatão dos Guararapes/PE, nesta escola atualmente são ofertadas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, além da Educação de Jovens e Adultos - EJA. A escola está situada em uma zona periférica, predominantemente habitada por moradores de classe baixa. Conseqüentemente, os estudantes provêm destas famílias que residem nas imediações da instituição.

A realidade da condição socioeconômica à qual esses estudantes pertencem foi evidenciada desde o meu primeiro dia de visita. Um aluno, ao ser conduzido à sala da direção, relatou que estava passando mal e afirmou que não havia se alimentado antes de comparecer à escola. É certo que, crianças em situações de vulnerabilidade social têm seu desempenho escolar frequentemente prejudicado por diversos fatores, sejam eles econômicos, sociais e emocionais. A falta de recursos básicos, como uma alimentação adequada, à exemplo citado anteriormente, pode contribuir significativamente em suas vidas educacionais, a insegurança alimentar pode comprometer a capacidade de concentração, a memória e a energia necessária para o aprendizado prejudicando ainda mais o bem-estar desses educandos e impactando diretamente em sua performance.

A instabilidade familiar também foi uma das questões percebidas durante o processo de acompanhamento. Nesse período, testemunhei a migração de um estudante para outra escola em razão de um conflito em seu âmbito familiar, esse

acontecimento não só descontinuou seu desenvolvimento educacional construído até determinado momento, interrompendo possíveis progressos, assim como o vínculo estabelecido entre o aluno e a instituição de ensino.

Durante uma conversa com os estudantes, foi-me informado que alguns residem em locais de difícil acesso, distantes da escola. Para facilitar o deslocamento, a instituição disponibiliza ônibus escolares que realizam o transporte de ida e volta desses alunos. No entanto, mesmo com essa medida, alguns desafios persistem, como a pontualidade dos horários de alguns estudantes.

No que se refere a estrutura física da escola, avaliei de forma subjetiva que a estrutura é intermediária, uma vez que possui um bom espaço em sua totalidade, área de recreação, uma biblioteca pequena, e salas de aulas, no entanto, não possui laboratórios e salas especiais para alguma disciplina específica, como ciências ou matemática.

No tocante ao ensino de Artes, a problemática encontrada na escola está no fato de que a disciplina de Artes não está presente no horário, portanto, não há aulas de Artes na instituição. Através de um diálogo com a gestora, ela me comunicou que não são realizadas atividades educacionais de artes na escola, mas que, como estávamos no mês de junho, período de festas juninas, a escola vinha produzindo desenhos e algumas pinturas referente a essa temática, mas nada tão aprofundado e que fosse além da perspectiva da arte como caráter ornamental.

Sem dúvidas, foi uma informação que ainda me provocou certa surpresa, entretanto, já é sabido o quanto a arte é negligenciada no sistema educacional brasileiro. No entanto, a LDB, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional -LDB nº 9.394/96 no Artigo 26, inciso 2º, estabelece:

A obrigatoriedade do Ensino de Artes na Educação Básica, que compreende a Educação a obrigatoriedade do Ensino de Arte na Educação Básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino

Fundamental e o Ensino Médio, legitimando a Arte enquanto Área Curricular. (BRASIL, 1966)

Durante o período em que cursei o Fundamental I, também não tive aulas de Artes, apenas das disciplinas consideradas mais “essenciais”, e até os dias atuais, isso ainda permanece. Para Nascimento e Ribeiro (2014, p. 02) no que:

[...] refere-se à inserção da arte no ambiente escolar na medida em que, historicamente, a disciplina luta contra um preconceito implícito, na medida em que a arte é vista por muitos ainda como “não-aula”, como um mero “passatempo”, enfim, como uma “recreação”, se comparada às disciplinas “conteudistas.

Sabemos que a arte é vista como um mero instrumento decorativo e um momento para “expressar os sentimentos” dos educandos, porém, é certo que a arte coloca crianças e adolescentes em contato com suas emoções, mas também trabalha outras potencialidades. Barbosa² (2016) afirma que trabalhar com a arte é construção do conhecimento, propiciando aos educandos os meios para a realização de experiências, a apreciação das obras de arte e a reflexão histórico cultural.

Para dar início ao estágio, mesmo sem haver aulas de Artes ou algum(a) professor(a) que a ministrasse, a gestora me informou que não havia problema em realizá-lo, para isso ela abriria no quadro de horários um espaço para que eu pudesse cumprir o período de regência. Em seguida, dei início ao período de observação, da turma do 5º ano A, no período da manhã. Pouco tempo depois de ter adentrado, sido apresentada em sala e me posicionado em uma das cadeiras, surge a pergunta “*Tia, a senhora sabe desenhar?*”, ao responder que sim, iniciou-se uma grande interação com os estudantes que se mostraram muito interessados.

² Ana Mae Tavares Bastos Barbosa é uma renomada arte-educadora e pesquisadora. Seu trabalho se destaca pela ênfase na teoria educacional e na história da arte. Barbosa é reconhecida por sua contribuição na formulação da abordagem triangular da arte-educação, a qual é fundamental nos parâmetros curriculares do ensino de artes no país.

“Tia, Pedro também sabe desenhar!”, *“Vem ver o desenho que fiz.”*, *“Olha o meu, mas eu não sei desenhar, não, tia”*. A partir destas falas e do entusiasmo gerado por parte de alguns alunos, percebi o quanto a ausência de atividades atreladas a arte poderia estar tolhendo tamanhas potências produzidas por esses estudantes. Diante dessa realidade compreendi a profundidade do valor de ter iniciado meu Estágio I nesta instituição.

Embora ciente das lacunas da disciplina, sinto que, de alguma forma, consegui oferecer aos estudantes o encantamento de um primeiro contato com a arte em sala de aula, e a possibilidade de um respiro através de atividades práticas. Na sala, alguns desenhos dos alunos decoram as paredes, como testemunhos de suas criatividade. Aproveitando o intervalo, perguntei a um deles em que momento foram feitos. Como resposta, soube que uns foram cópias do livro didático e os demais criados a partir de uma aula relacionada ao folclore brasileiro.

Em seguida, me aproximei de alguns outros estudantes e, em uma conversa, perguntei se eles se dedicam a alguma outra atividade que fosse para além do copiar do quadro. Eles, além de dar uma resposta direta, acrescentaram: *“A gente só copia, toda aula, é muito chato”*, *“A gente não faz nada de arte aqui”*, *“Só escreve”*, incluiu outro. Em cada fala, notei um certo descontentamento, como se sentissem falta de algo além do que rotineiramente já fazem. Ao longo do intervalo, observei que um deles começou a esboçar um desenho de uma figura masculina, utilizando elementos de referência do seu cotidiano, moldando a imagem de acordo com suas vivências. Para Almeida (2003), quando a criança desenha, cria pontes entre o mundo real e o imaginário, expressando suas concepções e percepções do mundo no qual está inserida. Além disso, o desenho permite à criança retratar em diferentes dimensões, suas experiências pessoais em busca da sua própria identidade. É por meio do desenho, que a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade

A primeira aula observada foi da disciplina de Língua Portuguesa e a professora me relatou as dificuldades de aprendizagem da turma. As crianças ainda apresentam consideráveis defasagens educacionais; muitas delas ainda não dominam a leitura ou a fazem com dificuldade, e alguns não sabem sequer escrever seus próprios nomes. Segundo a professora, o período pandêmico da COVID-19 (iniciado no ano de 2020), onde enfrentamos o *lockdown*³, foi um dos fatores que prejudicou significativamente o processo de aprendizagem dos estudantes.

Apesar da Secretaria Municipal de Educação de Jabotão dos Guararapes ter criado um sistema para viabilizar aulas online, não obteve êxito completo, uma vez que nem todos os alunos tiveram acesso à internet. Cenário comum em âmbito nacional (Paula et al. 2021). Além disso, embora tenha sido feita uma tentativa de enviar os conteúdos aos alunos por meio do WhatsApp, nem todos foram capazes de acompanhar o material fornecido.

Em conversa com algumas crianças, perguntei como tinha sido para elas durante esse período remoto e sem aulas presenciais, para ouvir delas mesmas suas experiências. Algumas das respostas dadas foram: “*Não estudei nada, tia*” ou “*Minha mãe comprou um quadrinho de giz pra tentar me ensinar em casa*”. Em razão desse comprometimento na aprendizagem, os conteúdos dados em sala são, predominantemente, em prol do processo de alfabetização dos alunos, logo, a disciplina de Português e Matemática, ganham o maior foco dentre esses conteúdos, ocupando maior parte dos horários.

A metodologia abordada nas aulas é a tradicional onde práticas educacionais convencionais são estabelecidas em sala. O conteúdo dado é frequentemente apresentado através de livros, cadernos e outros recursos impressos tradicionais, em síntese, restringe-se a escrever no quadro para que os alunos possam copiar,

³ "Lockdown" é uma expressão em inglês que, na tradução literal, significa confinamento ou fechamento total.

concentrando-se principalmente na escrita e na leitura desses estudantes. Além disso, as aulas são apoiadas em livros didáticos, que são utilizados e posteriormente recolhidos. Para intensificar ainda mais o processo de alfabetização, a escola oferece aulas de reforço destinadas aos estudantes que mais possuem dificuldades. A seleção destes estudantes é feita pela professora que, com base em uma análise das necessidades de cada um deles, identifica quais alunos mais carecem de apoio para então encaminhá-los ao reforço.

O período dos educandos na instituição é predominantemente marcado pela permanência dentro da sala de aula, saindo apenas para o horário da merenda, quando passam alguns minutos no refeitório antes de retornar às atividades escolares. Não há um tempo específico destinado ao recreio, no qual pudessem se entregar ao brincar e ao lúdico. O espaço central da escola permanece inexplorado por essas crianças. Frequentemente, em razão da ausência de um intervalo formal, alguns alunos recorrem a brincadeiras com *cards* durante o momento de aula, o que gera reclamações por parte da professora.

Segundo Rego (1995), “o brinquedo não só possibilita o desenvolvimento de processos psíquicos por parte da criança”. A autora diz que a brincadeira tem uma função significativa no processo de desenvolvimento infantil e “no contexto escolar a brincadeira não deveria ser entendida como uma atividade secundária ou como um “mero passatempo” das crianças. Ao contrário, deveria ser valorizada e estimulada, já que tem uma importante função pedagógica.

No entanto, nem tudo é adversidade. Ao longo das semanas de observação das turmas e das inúmeras aulas assistidas, pude perceber a notável relação de carinho que a professora estabeleceu com seus alunos. O afeto, a dedicação e a paciência com que ela os trata são evidentes, assim como a alegria que demonstra ao observar seu progresso. Cada pequeno avanço na aprendizagem, seja na leitura de um breve texto ou na resolução de um cálculo matemático é celebrado com entusiasmo. A cada

conquista, a professora recompensa seus alunos com um pirulito, marcando com ternura cada passo de sua evolução.

“Tratar com amor, não tem outra maneira”: foi assim que ela definiu sua prática de ensino ao conversar comigo, e como enfatiza Freire (1982, p. 29):

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

Mapeando o ensino

Após completar 40 horas de observação das práticas de ensino nesta turma do 5^a ano, realizei a proposição de atividades de Artes Visuais com o objetivo de enriquecer a prática educativa e promover uma abordagem mais dinâmica e envolvente nas aulas de arte. O plano foi desenvolvido com uma variedade de atividades pensadas para estimular a criatividade dos estudantes e aprofundar o entendimento de elementos básicos e técnicos dos fundamentos da Linguagem Visual.

Esses conteúdos foram projetados para estimular a fruição individual e a colaboração coletiva entre eles. Ademais, cada atividade foi planejada de acordo com os objetivos do currículo, assegurando que os estudantes não apenas se envolvessem em atividades artísticas, mas também desenvolvessem práticas importantes, como a leitura de imagens e experimentações artísticas.

O plano de aula concebido para uma turma do 5^o ano do Ensino Fundamental foi estruturado com o propósito de proporcionar uma vivência significativa e, possivelmente, transformadora. Utilizando materiais acessíveis, as atividades foram cuidadosamente planejadas para se adequar a realidade em que estava inserida. Mesmo diante da escassez de recursos, a proposta demonstrou que é plenamente

viável engajar os estudantes em práticas artísticas pertinentes e produtivas. Assim, a sala de aula e fora dela, tornou-se um espaço de fertilidade e aprendizado, onde cada estudante pôde explorar sua imaginação através da apresentação e desenvolvimento de técnicas, da pintura, do desenho e sobretudo: da arte.

Plano de aula 5º ano
ASSUNTO: Elementos básicos e técnicas das Artes Visuais

Objetivos

- Conhecer os tipos de linhas e suas formas;
- Descobrir texturas a partir da técnica de frottage;
- Conhecer a gravura junto a seus principais artistas e a técnica de isogravura.
- Entender a teoria das cores e identificar as cores primárias, secundárias, terciárias e secundárias;
- Dominar o movimento artístico cubista e reconhecer as formas geométricas presentes em suas obras.
- Identificar e compreender características geográficas a partir das obras de Tarsila do Amaral

Conteúdos

- Introdução ao Desenho: pontos, linhas e formas
- Frottage
- Isogravura
- Teoria das cores
- Interdisciplinaridade: Cubismo e formas geométricas
- Interdisciplinaridade: As paisagens de Tarsila do Amaral e a Geografia

Metodologia

A metodologia será desenvolvida por meio de aulas dialógicas, práticas e vivências em sala tendo como base a metodologia da abordagem triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa.

Atividades desenvolvidas

- Promover um diálogo com a turma sobre o desenho, em seguida, introduzir conceitos dos tipos de linhas e formas, apresentando o trabalho do cartunista Saul Steinberg, por fim, inseri-los na realização da prática, exemplificando a teoria e criando-se desenhos a partir das linhas e formas aprendidos em sala.
- Apresentar aos educandos a técnica de frottage através das obras do artista Max Ernst e em seguida, individualmente, explorar o ambiente escolar buscando realizar a técnica com objetivos e texturas presentes na própria escola, no intuito de fazer com que os estudantes saiam mais de sala e busquem desvendar/descobrir o espaço que ocupam. E, posteriormente, cada um deles falará sobre como foi sua experiência com a frottage e sobre quais superfícies utilizaram na realização do processo de criação.
- Apresentar a gravura mostrando aos estudantes os principais artistas regionais, assim como o J. Borges e suas obras. E, posteriormente, introduzi-los à técnica de isogravura, levando-os a realizar experimentações na superfície de isopor.
- Apresentar aos estudantes a teoria das cores e através do uso de tinta guache, introduzi-los na prática. Individualmente, com base no conteúdo

aprendido na aula, produzir pinturas fundamentadas nas cores primárias, secundárias, terciárias e quaternárias e categorizá-las em cada classificação.

- Mostrar em sala o movimento artístico cubista, apresentando as principais obras e artistas e de modo multidisciplinar, focando também em seu processo de aprendizagem na matemática, solicitar aos alunos que façam recortes geométricos ou também desenhem na própria folha, formas geométricas presentes no Cubismo e baseado nisso, criem suas próprias obras cubistas. Por fim, solicitar para que cada um dos educandos fale sobre sua produção, como se sentiu no processo de criação e o que quis representar através de sua obra.
- Através da apresentação das obras da Tarsila do Amaral, focando em suas paisagens, solicitar aos educandos que identifiquem nas pinturas características geográficas de uma paisagem: “O que vocês veem nessa pintura?” Seguidamente, convocá-los a criarem suas próprias paisagens com as mesmas características encontradas por eles nas obras, em cores vivas e formas simples, assim como as paisagens de Tarsila.

Recursos

- Imagens impressas em A4
- Lápis de cera
- Folha ofício
- Tinta guache
- Barbante
- Cola
- Isopor
- Pincéis

Avaliação

A avaliação consistirá de maneira formativa, na finalidade de avaliar a participação no desenvolvimento das atividades e entrega das mesmas. E, ao final da regência será realizada uma breve retomada dos assuntos abordados através das imagens das obras expostas e trabalhadas em sala, onde o educando poderá, individualmente, falar sobre qual temática ou movimento artístico a obra está inserida e em qual técnica ela se enquadra. Para isso, usarei as imagens das obras em forma de pequenos cards, e assim como numa espécie de jogo, o estudante irá escolher quatro deles, onde em cada um haverá uma obra que foi apresentada em sala e então, através do card selecionado, o aluno irá contextualizá-la, seja oralmente ou por escrita.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Editora Perspectiva SA, 2020.

SILVA, Tharciana Goulart da. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. Matéria-prima, v. 5, p. 88-95, 2017.

BARROS, Ângelo Roberto Silva. **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais: uma breve revisão**. In: Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil. 2016. p. 477-486.

GUSMÃO, Andreia Carina Santos. **A isogravura na prática pedagógica para o ensino das artes visuais no ensino médio**. 2018.

THIESEN, Juares da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Revista brasileira de educação, v. 13, p. 545-554, 2008.

Cores e arte/educação

Chegado o dia do início do período de regência, uma onda de nervosismo e apreensão tomou conta de mim, o que sabia ser bastante comum, pois é natural sentir-se ansioso ao enfrentar algo pela primeira vez. Contudo, o que mais me inquietava era o receio de que as aulas não acontecessem conforme o esperado, de que os alunos não se engajassem com os conteúdos e, conseqüentemente, não participassem ativamente. Havia também o temor de não ser capaz de proporcionar uma aula de qualidade. As possibilidades de falha passaram pela minha mente, preenchidas por inúmeros “E se...”. Acredito que, antes de qualquer desafio que pudesse surgir, minha própria mente foi o maior obstáculo que enfrentei.

Acredito que umas das maiores questões, antes mesmo de pôr em prática os temas do plano de aula, foi criá-los. Um questionamento que pairou sobre mim foi “Quais conteúdos reger para uma turma que não tem base nenhuma sobre os conteúdos de artes, inseridos numa escola onde não há arte/educação?” A solução encontrada por mim foi “começar do começo”, apesar da obviedade e do pleonismo. Para dar início, optei por explorar técnicas artísticas e elementos constitutivos das artes visuais e seus fundamentos, apresentando-as na teoria com foco predominante na prática e, para só depois, ir progredindo trazendo um pouco da historicidade à turma.

Havia preparado a aula com antecedência de vários dias, tendo estudado e revisado o assunto no dia anterior. Estava munida dos materiais necessários para o desenvolvimento adequado do conteúdo e conhecia a turma, com a qual havia estabelecido uma boa relação desde o início do período de observação. A professora me acolheu e auxiliou como se eu fosse uma de suas estudantes. Apesar de todas

essas preparações e apoios, a ansiedade e o medo continuavam a persistir. Mas, percebi que, antes de assumir o papel de professora, continuava sendo aluna.

Na caminhada até a instituição, os sentimentos foram se transformando em algo cada vez maior a cada passo que me aproximava da escola. Ao entrar na sala e aguardar a chegada dos alunos, percebi que, à medida que se completava o momento, a palavra “professora”, pronunciada pela supervisora para silenciar a turma e referir-se a mim, carregava um peso significativo e potencialidades, a partir disso, eu me dei conta da posição em que estava ocupando e da responsabilidade que essa palavra carrega. Esse reconhecimento, embora acompanhado de ansiedade e incerteza, também me ofereceu encorajamento. Assim, tomei meu lugar com determinação, enfrentando a jornada com coragem, ocupei este espaço e dei início a aula.

Decidindo transgredir a ordem dos conteúdos postos no plano, dei início a primeira aula trabalhando a técnica de Frottage, já que, considerando que os alunos não estavam habituados a sair da sala ou a ter períodos de intervalo, julguei ser o mais apropriado, pois um dos objetivos deste conteúdo consistia justamente, em explorar o ambiente ao redor, tirando-os da zona de conforto.

Após a organização dos alunos, que se acomodaram em seus respectivos assentos e fizeram silêncio, iniciei a aula apresentando o conteúdo a ser abordado. Para isso escrevi um breve texto no quadro sobre a origem da técnica, com a finalidade de oferecer um registro escrito do conteúdo em seus cadernos. No entanto, não me detive a isso, uma vez que o objetivo da aula era justamente tirá-los dessa prática rotineira.

Depois de explicar o que era a técnica de Frottage, sua origem e como era realizada, em seguida coleí no quadro as imagens impressas para realizarmos a leitura das mesmas, já que a instituição não conta com projetores. As imagens apresentavam três obras do artista alemão Max Ernst, responsável pelo desenvolvimento da técnica em questão. Utilizei essas imagens para formular perguntas à turma, com o objetivo de facilitar a compreensão das obras e da técnica

associada. “O que vocês vêem nesta imagem?”, formulei inicialmente esta pergunta para iniciarmos em conjunto a leitura das obras e prossegui para que mais respostas fossem provocadas: “Qual figura vocês conseguem identificar nessa obra?”. “- *Tia, eu vejo uma borboleta.*” “- *Não é uma borboleta, é uma libélula!*”, “- *Parece que tá voando*” “- *Nada a ver, ela tá caindo!*”.

Houveram várias respostas, todas apresentando uma interpretação diferente e uma análise singular. As diferentes visões que surgiram formaram um amplo cenário de compreensão, demonstrando a diversidade de pontos de vista e a profundidade da criatividade dos estudantes. Cada resposta era como uma porta aberta para uma realidade distinta, mostrando a variedade de significados que cada obra poderia despertar, como salienta Pillar (2006, p. 13):

O observável tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenações do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados. Assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes. Isto porque, o que o sujeito apreende em relação ao objeto depende dos instrumentos de registro, das estruturas mentais, das estruturas orgânicas específicas para o ato de conhecer, disponíveis naquele momento.

Ao demonstrar na prática a técnica de frottage, todos os alunos se mostraram atentos e envolvidos. Retirei uma moeda do meu bolso, coloquei-a sobre a mesa e posicionei a folha sobre a moeda. Ao observarem o resultado, as reações foram extremamente positivas, com expressões de entusiasmo e curiosidade, rostinhos animados de quem estavam descobrindo algo pela primeira vez.

Ao notar o grande interesse, perguntei quem gostaria de vir tentar, e quase toda a turma levantou-se e formaram um aglomerado à minha volta, todos ansiosos para realizar a técnica, “- *Tia, eu quero tentar!*” “- *Agora é minha vez!*” “- *Que “massa”, tia, o desenho tá se formando!*” Nesse momento, eu soube que todo meu medo tinha

sido apenas fruto da minha imaginação. A empolgação e o interesse dos alunos me fizeram perceber que estava tudo bem e com isso, o nervosismo foi dando espaço ao riso e a descontração. Logo após, mostrei a eles o desenho que eu tinha feito utilizando a técnica através da superfície texturizada de uma parede, para que tomassem como exemplo as diversas possibilidades de texturas que podem ser utilizadas nessa atividade.

Após termos explorado a origem da técnica e realizado a leitura de algumas das obras que a ilustram, finalmente chegamos ao ápice da experiência: a prática artística. Este momento revelou-se, sem dúvida, uma das partes mais gratificantes do trabalho com esse conteúdo. Convidei toda a turma a deixar a sala de aula e a realizar a atividade prática ao ar livre. Com os materiais em mãos e repletos de entusiasmo, os alunos se lançaram na exploração do pátio.

Lá fora, organizados em grupos, duplas ou individualmente, começaram a buscar texturas nas paredes, alguns se esforçando na ponta dos pés para alcançá-las, enquanto outros recolhiam folhas caídas do chão, que seriam utilizadas na composição de suas obras.

A paisagem, antes vista somente como caminho para a sala de aula, foi configurada como um ambiente de colaboração e reflexão, imergida na energia dos estudantes, cada um imerso na singularidade de suas buscas. As mãos, com cuidado, exploravam tanto as superfícies ásperas quanto a suavidade dos vestígios achados no chão, capturando detalhes que, em outras circunstâncias, passaram despercebidos. Os pequenos artistas se organizaram a moldar os elementos naturais coletados, transformando as fugidias texturas em elementos visuais concretos.

A textura das folhas das árvores ganhara uma infinidade de funções: tornaram-se o cabelo de personagens criado pelos alunos, asas de uma borboleta, estrutura do corpo de animais, asas de pássaros e diversas outras utilidades imaginativas. A atividade ao ar livre não apenas permitiu que os alunos explorassem a técnica de modo prático, mas também estimulou sua criatividade, evidenciando o lúdico e a

versatilidade dos materiais naturais encontrados em seu próprio ambiente de convívio. Na ótica de Barbosa (2006, p. 120) nos diz que:

O espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. Esse desafio constrói-se através dos símbolos e das linguagens que o transformam e recriam continuamente.

A seguir, trago algumas imagens que apresentam minhas vivencias iniciais da prática escolar.

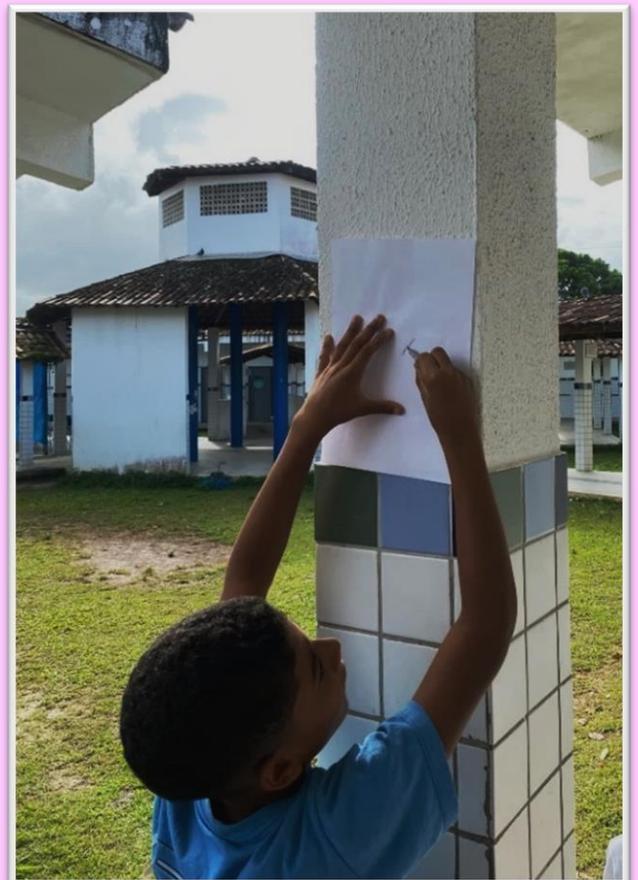


Figura 1 e 2- Educandos realizando a técnica de Frottage na parede da Escola. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Tamanha satisfação foi a minha ao vê-los todos mergulhados na atividade proposta, interessadas no conteúdo, tirando dúvidas, buscando criar, expressando-se através da arte, como ilustra a Figura 4. Enquanto nos encontrávamos no pátio, um professor de outra turma aproximou-se, e com um olhar de admiração, elogiou a criatividade que trouxe aquela experiência para os alunos. Ele destacou a importância das atividades artísticas para aquelas crianças, ressaltando como essas vivências eram essenciais para elas. Sem dúvida, esse momento foi um dos ápices da minha regência, quando a validação e o reconhecimento se entrelaçaram, dissipando minhas inseguranças.



Figura 3- Educandos realizando a técnica de Frottage na parede da escola. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 4- Produção de Frottage. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

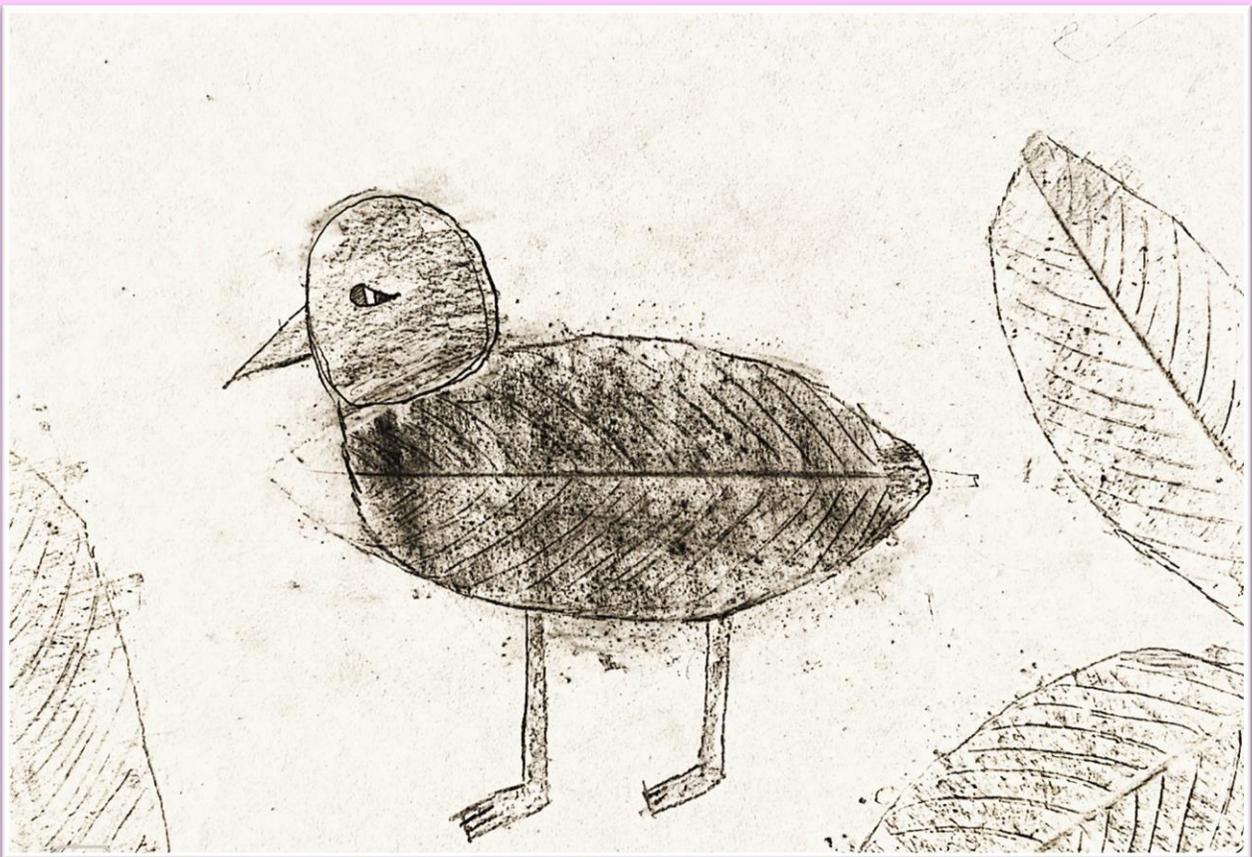


Figura 5- Produção de Frottage. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

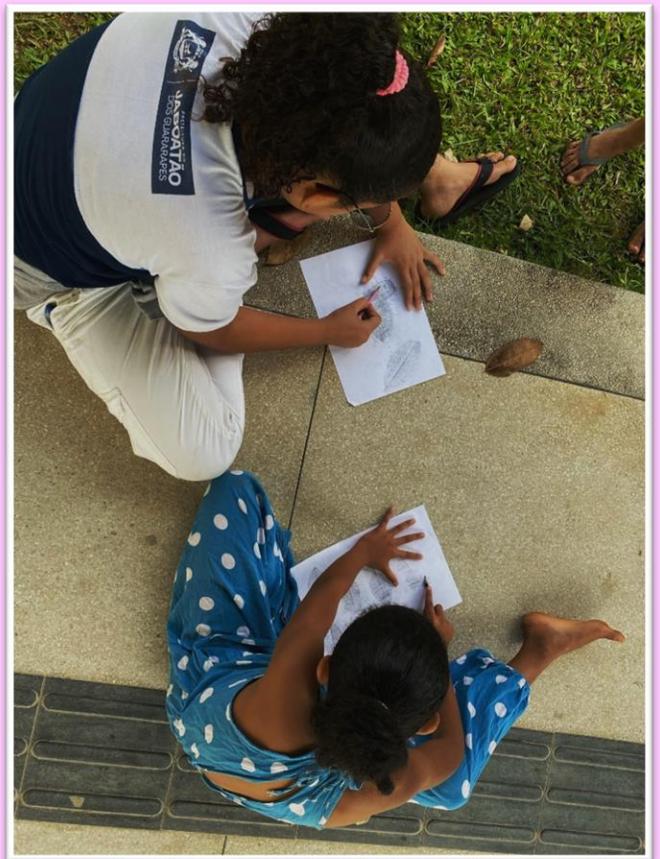


Figura 6 e 7- Realização da Frottage no pátio. Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Figura 8 e 9- Produção de Frottage. Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Ao final do conteúdo trabalhado, tudo que consegui sentir foi uma profunda satisfação, me senti realizada por ver o objetivo das aulas sendo alcançado. Especialmente pelo interesse dos alunos, pois muitos deles ansiaram por realizar a atividade mais de uma vez, foram essas pequenas coisas que possibilitaram a regência ser um processo leve. No entanto, umas das maiores problemáticas que enfrentei foi a carência e escassez de materiais na escola. Desde o período de observação, percebi que essa limitação seria um desafio um tanto quanto significativo, dado que a instituição não possui aulas de artes e não é habituada a atividades práticas. Logo, qualquer proposta que se desviasse do mero “escrever e copiar do quadro” se tornava um obstáculo a ser superado.

Para reger as aulas de conteúdos mais “densos”, no sentido de demandar mais materiais, encontrei um certo impasse pois nada do que necessitei, tinha disponível na escola, então, tive que “dar meus pulos” como diz o dito popular. Para contornar essa situação, adquiri diversos materiais e obtive alguns emprestados. Foi somente através desses meios que consegui dar continuidade à regência. Dentro das limitações impostas, fiz o possível para que as aulas se tornarem exequíveis, mesmo que as circunstâncias não fossem as mais favoráveis. Sentia, porém, que a turma ansiava por esse contato com o fazer artístico e por um espaço onde pudessem se expressar com liberdade.

Ao levar tintas e pincéis, pude notar com mais veemência o interesse dos educandos em executar as atividades, a cada aula transmitiam a sensação de descobrimento, permitiam que a empolgação se exteriorizasse de maneira bem transparente, o que foi muito bonito de testemunhar. No entanto, uma das maiores dificuldades que enfrentei foi a de estimular o trabalho coletivo entre os alunos. Percebendo que a turma se segregava em pequenos grupos, decidi abordar essa questão através dos conteúdos. Aproveitando a escassez de materiais, que impossibilitava a distribuição equitativa entre todos, propus atividades em grupos intercalados. A ideia era que um grupo se unisse a outro, permitindo não apenas a

partilha dos recursos, mas também a oportunidade de socialização com aqueles que ainda não faziam parte de seus círculos íntimos.



Figura 10- Educando realizando pintura a partir da descoberta de novas cores.
Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Esse foi um dos momentos de maior resistência por parte dos alunos. Enfrentei inúmeras reclamações e hesitações ao pedir que trabalhassem lado a lado com colegas fora de suas zonas de conforto social. Recordo-me, então, das minhas próprias resistências quando, na minha jornada escolar, vivenciava situações semelhantes. Contudo, hoje entendo que esse processo é necessário e enriquecedor, pois o que indivíduo consegue fazer com a ajuda de outras pessoas pode ser mais significativo em termos de desenvolvimento do que poderia fazer se estivesse sozinho, Vygotsky (1989).

Trabalhar com os alunos a teoria das cores foi bastante impulsionador para mim, através das aulas partindo deste conteúdo, os educandos se mostraram muito criativos e entusiasmados ao descobrirem as cores a partir da combinação de outras, tudo era muito novo pra eles, considerando que este foi o primeiro contato da turma com esse tema.



Figura 11- Grupos divididos em sala trabalhando a teoria das cores. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 12- Grupos divididos em sala trabalhando a teoria das cores. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 13 e 14- Trabalhos de paisagens realizados a partir das cores descobertas.

Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 15- Estudo prático das cores feitos pelos educandos. Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Entre a prática e o objetivo

A prática docente em escolas públicas oferece uma infinidade de oportunidades para tornar a experiência educacional mais significativa, tanto para os alunos quanto para nós, professores em processo de formação inicial. Lecionar em um ambiente frequentemente marcado pela privação de recursos e a deficiência na infraestrutura pode ser desafiador, mas também pode se revelar provocador, uma vez que exige do professor a habilidade de se reinventar para superar as más circunstâncias e proporcionar resultados satisfatórios e convenientes com a realidade em que se está submerso.

Esses desafios nos forçam a ser criativos e a pensar fora da caixa, usando o que temos de maneira inovadora para criar experiências educacionais relevantes. É sobre encontrar modos de aproveitar ao máximo os recursos disponíveis, muitas vezes improvisando com materiais simples ou reutilizáveis, e projetar atividades práticas que realmente conectem os alunos com o processo criativo. Mesmo com recursos limitados, podemos criar um ambiente estimulante e inspirador, onde cada educando tem a oportunidade de se desenvolver e experienciar.

Ao assumir a posição de regente, o professor pode explorar uma abordagem pedagógica que valorize a singularidade e instigue a criatividade dos estudantes, utilizando uma variedade de recursos para desenvolver atividades práticas. Ao analisar as diferentes formas de regência, é importante levar em conta as competências e interesses diversos dos alunos, bem como as limitações e potencialidades do ambiente escolar, como a infraestrutura e os materiais disponíveis. A eficácia da prática está diretamente ligada, também, à capacidade do professor de adaptar suas estratégias pedagógicas às necessidades específicas da turma e da escola, promovendo um aprendizado significativo e abrangente.

A capacidade de adaptar-se e inovar em condições desafiantes nos ensina muito sobre flexibilidade e resiliência, e, acima de tudo, sobre o impacto positivo que podemos ter na vida dos alunos. No entanto, entenda que não há aqui uma tentativa de romantizar a precariedade nas escolas, perceber a falta de recursos como uma “oportunidade para ser criativo” pode parecer encorajador, mas também esconde a árdua realidade de que estamos lidando com uma situação injusta que necessita ser resolvida. É importante reconhecer essas limitações como o que realmente são: barreiras que precisamos enfrentar e superar. Ao invés de aceitarmos essas dificuldades com ar de comodismo, devemos trabalhar para buscar soluções e lutar por um ambiente de aprendizado que seja mais justo e eficiente para todos os estudantes e educadores.

É evidente que lecionar possui inúmeros obstáculos e vivenciá-los na prática pode ser bem amedrontador, mas também, ter consciência de que isso faz parte do processo de ensino e aprendizagem é fundamental. Durante os conteúdos trabalhados, presenciei alguns episódios que fugiram do meu controle, tais como atividades que foram planejadas de determinada forma, que foram postas em prática de outra, divergindo quase que totalmente do objetivo inicial proposto. Mas é importante reconhecer que não temos controle absoluto sobre todas as circunstâncias, especialmente quando outras pessoas estão envolvidas, cada uma com suas próprias opiniões e comportamentos distintos, o que inevitavelmente resultará em interferências.

Toda experiência vivenciada enquanto estudante estagiária, tais quais os desafios enfrentados que uma real prática pedagógica proporciona, contribui não somente para o meu crescimento pessoal, mas, na mesma intensidade, para o profissional. Em virtude disso, Carneiro e Ferraro (2016, p.01) salienta que:

O Estágio Curricular Supervisionado é importante para a formação de professores porque permite com que o aluno universitário relacione teoria com a prática, assim conhecendo as dificuldades da sua futura

profissão. Possibilita que o acadêmico tenha um contato diretamente com o seu local de trabalho, além disso permite que o aluno conheça e vive as situações de um professor. Quando o acadêmico tem contato com as atividades que o estágio lhe oportuniza, inicia a compreensão daquilo que tem estudado e começa a fazer a relação com o cotidiano do seu trabalho.

Ainda sendo o professor uma figura de autoridade —não autoritária— em sala, na prática pude compreender o quão dificultoso foi ter o domínio de tudo que se ocorre e confesso que não é algo de fácil aceitação entender que há coisas e acontecimentos que irão romper nossa barreira de controle. Antes de começar cada aula eu a idealizava que tudo transcorreria conforme o planejado, salvo que obtive esse resultado em alguns conteúdos trabalhados, mas presumi que assim seria em todos.

Entretanto, a realidade nos mostra que tudo está suscetível à mudanças e cabe a nós, como futuros docentes, entendermos que isto pertence ao processo de educação, e como bem pontua Seffner (2011), numa aula temos também os imprevistos, o que não foi planejado, e muitas vezes não é desejado nem desejável. O que é contingente, o que simplesmente “acontece”, e temos que lidar com aquilo.

Durante o decorrer das aulas ministradas, um dos pontos mais altos para mim foi testemunhar e acompanhar a trajetória de aprendizado e evolução dos estudantes. Após a conclusão das lições sobre a teoria das cores, iniciei a introdução à isogravura. No início desta etapa, após a distribuição dos materiais e a gravação na superfície de isopor, um estudante se dirigiu a mim com o desejo de representar uma árvore, enfrentando dificuldades para alcançar as cores marrom, do tronco, e verde, das folhas.

Decidi, então, não intervir diretamente, realizando eu mesmo a mistura das cores para alcançar o resultado desejado. Em vez disso, optei por rememorar o tema previamente abordado sobre a teoria das cores e suas classificações, apresentando

ao estudante a "tabela" de cores desenvolvida nas aulas anteriores. Com essa referência, deixei-o livre para explorar e resolver o desafio por conta própria, confiante em sua capacidade. Pouco depois, ao auxiliar os demais alunos, retornei ao estudante que, com satisfação, me mostrou ter alcançado as cores desejadas. A minha alegria e satisfação talvez tenham sido ainda maiores do que as dele; a experiência de ver alunos sem conhecimento prévio, no que diz respeito às práticas artísticas, dominar as técnicas artísticas foi indescritível. A forma como utilizaram termos técnicos como "entintar" e "matriz" ao se referirem à pintura e à superfície de isopor fez toda a diferença.



Figura 16- Processo da isogravura feita pelo aluno.
Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.

Figura 17 e 18- Processo de entintagem e gravura da matriz no papel. **Fonte.** Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 19- Produção de isogravura.

Fonte. Arquivo da pesquisa. Jaboatão dos Guararapes, 2023.

A arte pretende abstrair o que, por muitas vezes, encontra-se profundamente guardado, como emoções e ideias e concretizar através de cores, tintas, sons, gestos, entre outros (Rodrigues, 2017). Assim se efetivou o período de regência: como emoções e ideias escondidas que se afloraram através de cores, rabiscos e tintas.

Muitas narrativas foram criadas e imaginações estimuladas a partir das pinturas e desenhos feitos pelos educandos. A Kamille, por exemplo, durante as aulas dedicadas às formas geométricas e ao cubismo, revelou sua narrativa através da arte (fig. 18), tomada de uma delicada afetividade: “Eu fiz uma cidadezinha”. Explicou ainda:

...aqui em cima tem uma montanha laranja, que é da mesma cor das folhas da árvore, e tem uma menina se balançando nela. Embaixo da árvore tem uma casa azul e laranja também, e na frente dela tem uma senhorinha sentada numa cadeira, igual a minha avó que gosta de ficar assim, olhando a rua.

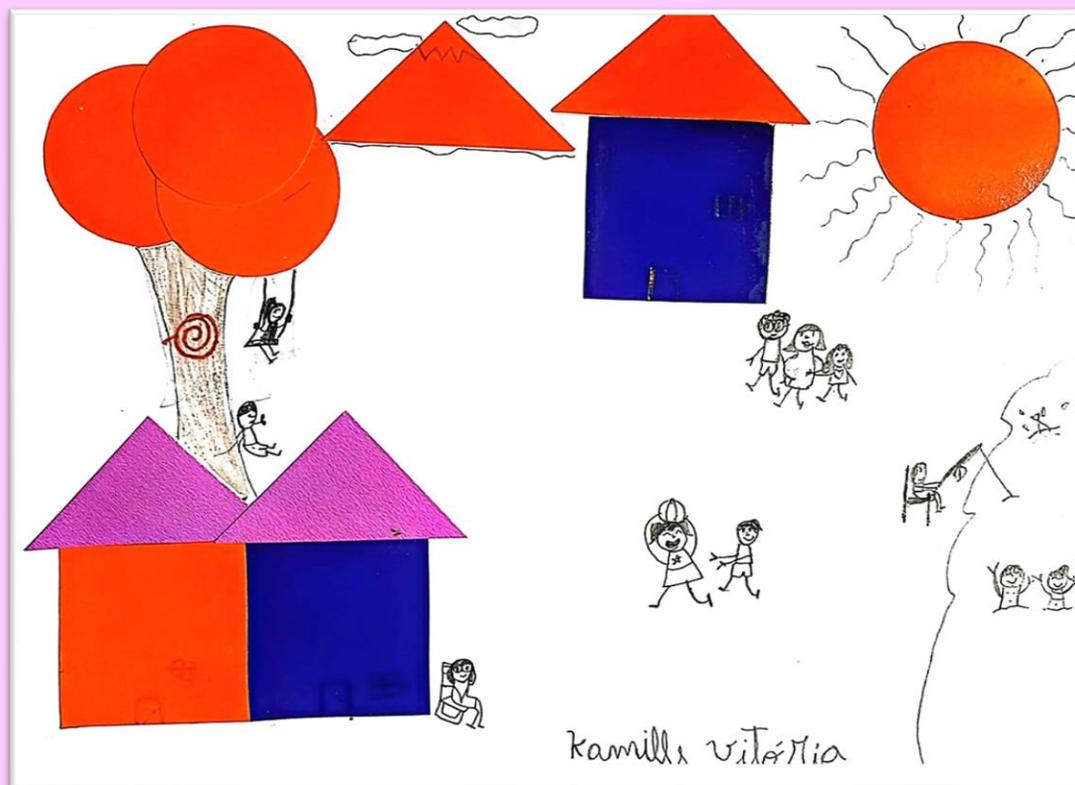


Figura 20- Produção da estudante Kamille.
Fonte. Arquivo da pesquisa. Jaboatão dos Guararapes, 2023

Figura 21- Educandas produzindo a atividade na aula de formas geométricas e Cubismo.
Fonte. Arquivo da pesquisa, Jaboatão dos Guararapes, 2023.



Figura 22- Estudante conhecendo “O Mamoeiro” de Tarsila do Amaral na aula de formas geométricas e Cubismo.
Fonte. Arquivo da pesquisa, 2023.

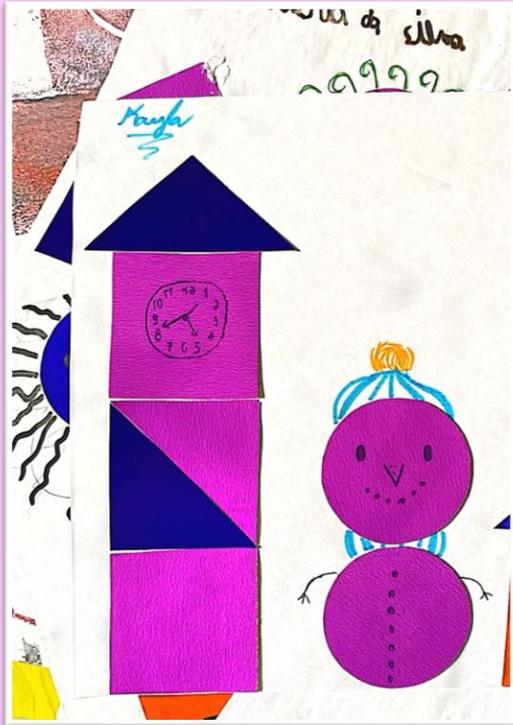


Figura 23- Produção de formas geométricas e Cubismo. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2023.

No desenvolver das aulas refleti sobre o quanto necessário e fundamental é se ter acesso a oportunidades. É precisamente isso que estes estudantes necessitam e continuam a necessitar. Penso em quantas produções artísticas e aprendizagens poderiam ser construídas se essas crianças tivessem alcance a todos os materiais que se fazem necessários para ter o contato com atividades artísticas, bem como a um local adequadamente estruturado para a condução das aulas. Muito se fala, no meio educacional, sobre estudantes desinteressados ou até mesmo os “que não

tem jeito”, mas é válido e indispensável levar em consideração o ambiente e a situação específica em que esses jovens se encontram.

Compreender a fundo o contexto em que vivem —suas vivências, os desafios que enfrentam no ambiente escolar, e as condições socioeconômicas e emocionais que influenciam suas vidas— é essencial para uma avaliação imparcial e positiva. Somente por meio de uma análise cuidadosa e abrangente desses elementos é possível apoiar verdadeiramente o progresso e a motivação dos alunos, fornecendo-lhes os recursos e o estímulo necessários para superar dificuldades e alcançar seu máximo potencial. Sobre isso Paiva e Burgos (2009, p. 27), diz que “a escola na favela é refém de inúmeras circunstâncias que a aprisiona em um ciclo vicioso em que os principais atores — professores e alunos—estão cientes das inúmeras desvantagens do cenário montado para serem protagonistas”.

Como estudante advinda de escolas públicas e moradora da comunidade em que a escola em questão está inserida, sei inteiramente, por experiência própria, as condições e precariedades na qual a instituição se sustenta. Como já foi aqui mencionado, não tínhamos aulas de artes, e foi assim todo o meu Ensino Fundamental, uma grande lacuna na minha educação escolar. Sempre tive aptidão e interesse pelo desenho, mas foi somente no Ensino Médio, ao ingressar na ETEMAC, uma instituição técnica situada também em Jabotão, que comecei a imergir, ainda que parcialmente, no campo da educação artística.

Naquela escola, tive o privilégio de conhecer a Professora Uiara, responsável pelas aulas de Artes. Através de seus ensinamentos, fui introduzida a movimentos artísticos e práticas até então desconhecidas para mim. Recordo-me com carinho das aulas ministradas com uma didática minuciosa, apreço e um cuidado ímpar. Entendendo minha trajetória atual como quase arte/educadora, percebo que meu desejo de trilhar por esse caminho deve, uma parte, à influência que ela exerceu sobre mim. Não apenas pelos conteúdos dados, mas pela sua destreza e habilidade em valorizar a singularidade de cada aluno. Essas particularidades despertaram e continuam a alimentar minha vontade de percorrer a mesma rota que ela tão pontualmente percorreu.

Sua abordagem não se limitava apenas ao ensino técnico, mas também à formação apreciativa da arte que externava os muros da escola, nos levando a conhecer obras e arquiteturas que iam além do território Jabotatonense. O entusiasmo dela era evidente em cada aula, sendo essa uma das recordações mais precisas que tenho, onde se era desenvolvido uma atmosfera agradável que também nos impulsionava a criar. Em cada aspecto de seu trabalho, através dela pude exemplificar o impacto profundo que um educador pode ter, que consegue e vai muito além da sala de aula. Conforme Freire (1996) destaca a importância dos educadores e suas práticas na vida dos alunos. Atitudes, palavras, simples fatos

advindos do professor poderão ficar marcados pelo resto da vida de uma pessoa contribuindo positivamente, ou não, para o seu desenvolvimento.

Apesar dos bons momentos vivenciados no Ensino Médio, foi somente ao adentrar no Ensino Superior, através das disciplinas do curso de Artes Visuais da UFPE, que tive alcance aos conteúdos teóricos e práticos relativos ao desenho, com isso, quanto a essa questão, reflito quantos estudantes, possivelmente dotados de uma disposição semelhante pela prática artística, estão tendo seus interesses e potencial criativo restritos pela falta de acesso adequado. A ausência da arte/educação pode, inclusive, evidenciar e ampliar desigualdades sociais e educacionais, posto que estudantes em escolas privadas ou em áreas mais favorecidas, socioeconomicamente falando, frequentemente têm mais oportunidades para vivências artísticas.

Considero, ainda, aqueles que não têm a oportunidade de se descobrir plenamente, visto que a escola, como instituição fundamental, desempenha um papel crucial como fonte norteadora e impulsionadora para o desenvolvimento social e profissional. Ponderando tais questões, e levando em consideração conteúdos que gostaria de ter tido acesso enquanto estudante do Ensino Fundamental, optei por trazer técnicas, elementos fundamentais da arte e alguns artistas, priorizando obras e artistas brasileiros e regionais, tais como as paisagens de Tarsila do Amaral e as gravuras de J. Borges.

Após finalizar a apresentação de determinados assuntos, a professora supervisora me pediu permissão para utilizar parte dos temas que eu havia abordado com outras turmas. Esse pedido não só demonstrou a recepção positiva dos conteúdos discutidos em minhas aulas, como também ressaltou a relevância de oferecer conteúdos significativos nas instituições de ensino, ministrados por professores especializados e devidamente capacitados em Artes Visuais.

Perspectivas

Triangulares

A metodologia que optei e que melhor se adequou às aulas regidas foi a abordagem triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, arte/educadora e maior referência no ensino de arte no Brasil.

A abordagem triangular no ensino das artes, especialmente no estágio obrigatório, envolve a necessária interação entre três componentes essenciais: o professor, o aluno e o conteúdo. Para tal, durante o período de regência que exerci na instituição, busquei uma alternativa na qual pudesse haver essa inter-relação entre esses três pilares, optando por uma temática de fácil compreensão e desenvolvimento uma vez que os educandos não tinham nenhum contato com a arte/educação propriamente dita. Ainda assim, em alguns dos muitos momentos, me senti um pouco insegura quanto a sua implementação efetiva e me questionei se estava realmente conseguindo equilibrar e pôr em prática esses três elementos da abordagem triangular em sala. Ao longo das minhas regências, acabei recorrendo ao ensino tradicional e reconheço que isso se deve, em parte, à minha falta de experiência em sala de aula. A autocobrança em garantir que o conteúdo seja apresentado e realizado de forma clara e eficiente muitas vezes me levou a adotar métodos mais convencionais, que me ofereceram uma sensação de segurança e previsibilidade.

Da mesma forma, pus em avaliação o contexto em que me encontrava, considerando ideal conteúdos nos quais eu pudesse naturalmente abordar em sala, posto que foram temas já explorados e familiarizados por mim, enquanto estudante do curso de Artes Visuais, e agora, enquanto futura arte/educadora, pude trazê-los aos alunos.

A arte e seu ensino, está atrelado diretamente, também, à leitura de imagens e a Cultura Visual. Portanto, me adaptando às circunstâncias estruturais da escola e indo

de encontro a um dos fundamentos que compõem a tríade da abordagem triangular (ler, fazer e contextualizar), realizei a busca de imagens impressas para que, visualmente falando, possibilitasse exemplificar cada conteúdo trabalhado, facilitando o entendimento dos educandos e viabilizando, principalmente, suas respectivas leituras. Para a arte educadora Barbosa (1998, p. 40) a leitura de imagens

[...] é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que eles sejam.

Na era digital em que estamos inseridos —repetidamente— ouvimos ou lemos que somos, com frequência, bombardeados por milhares de imagens todos os dias, sejam elas das variadas telas que nos atravessam ou dos *outdoors* que nos cercam, apesar da constância que vemos tal afirmação, urge na mesma intensidade, a necessidade de sabermos filtrar o que consumimos e a necessidade da alfabetização visual, na medida em que ela vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola (Barbosa, 2003). Deste modo, através do imagético, induzi os estudantes a refletirem e a criarem suas próprias interpretações sobre o que viam das obras apresentadas em sala, em razão de que, em consonância com Barbosa (2008, p. 18) “não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores”.

A abordagem triangular não só desperta a criticidade dos educandos, mas também do educador ao avaliar suas próprias práticas, promovendo um pensamento crítico e a capacidade de ajustar e melhorar sua abordagem pedagógica. Partindo desse pressuposto, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (Freire, 1996, p. 18)

Para esse intuito, compreendi durante esta pesquisa que é indispensável que o educador desenvolva a humildade no que diz a respeito do processo do aprender/ensinar, deixando reconhecer suas próprias limitações, além de se permitir aberto para novos conhecimentos e aprendizados.

A partir disso, entro no conceito do inacabamento no pensamento freiriano, de que nós, seres humanos, estamos sempre em processo de desenvolvimento e transformação, em contínua metamorfose. “Onde há vida, há inacabamento” (Freire, 1996, p. 21), enquanto estudante e futura educadora, é imprescindível que no decurso da minha formação haja a consciência de que o conhecimento não seja fixo e absoluto ou mesmo imutável. Freire nos lembra que o conhecimento nunca está completo; estamos sempre em processo de descoberta e aprendizado. Essa visão nos desafia a abandonar a ideia de um conhecimento absoluto e definitivo, e nos incentiva a adotar uma abordagem mais dinâmica e crítica em nosso papel de educadores.

Ao levarmos em consideração que vivemos em um processo contínuo de crescimento, entenderemos que a educação pode e será mais inclusiva, centrada no processo de aprendizagem dos educandos e não unicamente voltada para a figura do professor como detentor soberano do conhecimento, valorizando, assim, a construção conjunta do saber.

Considerações

Finais

Nunca imaginei ser professora. Lembro-me com clareza das dúvidas que assolaram minha mente ao escolher meu curso, um caminho para o qual, confesso, não sentia o menor entusiasmo. A ideia de lecionar, que faz parte da licenciatura, gerava em mim uma hesitação constante. As disciplinas referentes à área educacional

nunca me despertaram fascínio, meu envolvimento com os textos era superficial e desinteressado, a ponto de questionar se aquele era realmente o meu caminho, se aquilo tinha algum propósito para mim.

No perpassar da graduação, essa resistência em ensinar já não tinha mais a mesma força que tinha no início do curso, e passou a virar uma possibilidade, quando dei início ao estágio na escola, passei a olhar a prática docente e o processo de reger com outros olhos e no período de regência tudo modificou-se. “Ninguém sai da mesma forma que começou” foi o que ouvi em sala durante as aulas da disciplina de Estágio I, e desde então essa frase veio ecoando em minha mente e agora entendo o porquê: eu não saí a mesma.

Após essas espinhosas, cansativas, e, ironicamente, prazerosas 20 horas de regência, sinto que finalmente me descobri na licenciatura e que, na verdade, sempre estive no curso certo, só precisava esperar e respeitar meu processo de descobrimento. Toda a experiência de ensinar e aprender foi extremamente significativa e catalisadora para que eu me entendesse hoje como futura arte/educadora, os resultados, os desafios, as dificuldades e, principalmente, os momentos de satisfação que essa troca com estudantes me propiciou, foram primordiais para o andamento dessa exploração. E confesso que, crescendo como uma pessoa tímida e introvertida, encontro até mesmo um paradoxo surpreendente no fato de haver escolhido uma profissão que demanda intensa comunicação e constante exposição diante de um público. É como se, ao longo de minha jornada, eu tivesse abraçado um caminho que desafia e transforma minha própria essência.

Em uma das aulas, sentados em círculo, a Professora Luciana proferiu em sala alguns questionamentos e fala de autores, uma das perguntas —da qual não me recordo detalhadamente como foi dita—, falava, mais ou menos, sobre as dificuldades em ensinar e, se era tudo tão árduo, porque ainda insistimos? E tendo concluído o período de Estágio I e hoje, esta pesquisa, acredito que a resposta se revela nos frutos positivos colhidos. Sobre presenciar o progresso na aprendizagem

dos alunos, vê-los interessados pelos conteúdos, sendo participativos e construir juntos, ao longo das aulas, uma prática amena, ainda que haja impasses.

No fim, durante meu estágio curricular em arte, a prática pedagógica se revelou como uma vivência instigadora que contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, onde cada aula detinha sua singularidade, mas todas repletas de desafios e descobertas. Cada dia me trouxe a oportunidade de criar e adaptar, ajustando estratégias que buscavam despertar a criatividade e o interesse dos alunos. No entanto, a jornada não foi isenta de obstáculos. A escassez de recursos e o tempo limitado para realizar as atividades muitas vezes pareciam limitar o desenvolvimento das aprendizagens que eu desejei trazer ao ambiente escolar.

Entre os desafios, a resistência de alguns estudantes em se envolver integralmente em certas atividades propostas pôs em prática não somente minha capacidade de adaptação, mas também a habilidade de contornar essa problemática. Encontrar formas de capturar a imaginação deles e transformar a resistência em curiosidade foi uma tarefa que exigiu paciência e criatividade. Essas experiências revelaram a complexidade e a boniteza da prática docente na arte/educação onde cada dificuldade enfrentada se transformou em uma oportunidade de aprendizado e crescimento.

Olho para o futuro com a crença de que, possivelmente, esta pesquisa possa se expandir e florescer novos rumos e sentidos. Vejo a oportunidade de explorar métodos inovadores que possam transcender as limitações encontradas, investigando formas de transformar os desafios em pontes para soluções criativas e a utilização eficiente dos recursos disponíveis. A pesquisa futura a ser desenvolvida pode se aventurar na formação contínua de professores de arte, buscando maneiras de aprimorar as práticas pedagógicas e criar ambientes de ensino ainda mais inclusivos e estimulantes. O caminho é vasto e cheio de potências, e cada passo dado é como um risco no papel que contribui para uma obra ainda em progresso.

Referências

- ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010.
- CARNEIRO, Jackeline Santos; FERRARO, Mario Roberto. **A importância do Estágio Curricular supervisionado**. Goiás: ANAIS - Seminário de Estágio Supervisionado do Câmpus Anápolis de CSE HUEG: as decisões nas políticas públicas nacionais, estaduais e institucionais com reflexos na formação profissional, 2016.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. **Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 31 ago. 2024.
- FERRAZ, M. H. C. de Toledo. FUSARI, M. F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MACEDO, R. S. **Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais**. São Paulo: CRV, 2015.

NASCIMENTO, Giovane; RIBEIRO, Talita Miranda. **Arte na Escola: desafios e impasses, um estudo de caso.** Cantare: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, v. 6, n. 15, p. 49-64, 2014.

PAULA, A. S. do N. de; RODRIGUES, M. B. do N.; SOARES, T. T.; LIMA, K. R. R. **Impactos da pandemia da Covid-19 nas avaliações de larga escala no Brasil:** breves reflexões. Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e021010, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/6382>. Acesso em: 31 ago. 2024.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

REGO, Tereza Cristina. **As raízes histórico-sociais do desenvolvimento humano e a questão da mediação simbólica.** In: Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RODRIGUES, Rafaela Nathalia Larocca; SOUZA, Leonardo Jeronimo de. TREVISIO Vanessa Cristina Treviso. **Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem.** In: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 114-126, 2017.

SANTANA, Jéssica Ramos, et al. **Educação física nas escolas militares: ontem e hoje.** CONEDU, Cariri, p.03, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/loja/Desktop/Fernanda/6%20periodo/Estagio/TRABALHO_EV117_MD4_SAI_ID4437_07092018170817.pdf. Acesso em: 13 ago. 2024.

SANTOS, F. D. DOS. PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). **A escola e a favela.** Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, n. 33, 12 maio 2013.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo. 2011.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILAÇA, Iara de Carvalho. **Arte-Educação: a arte como metodologia educativa.** Cairu em Revista, n° 04, Jul/Ago, 2014. Disponível em:

<http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf>. Acesso em: 29 de jul. 2024.



Fotografias:

CAPA, Arquivo da pesquisa, 2023.

INTRODUÇÃO, Arquivo de pesquisa, 2023.